

SEVERO, Fabián. *Noite nu norte: Poemas en Portuñol*.  
Montevideo: Ediciones del Rincón, 2010.

Ana Carolina Martins dos Santos<sup>1</sup>

*Noite nu norte: Poemas en Portuñol* (2010) é o primeiro livro de Fabián Severo, um autor de Artigas, cidade fronteiriça no norte do Uruguai, que limita com a cidade de Quaraí no sul do Brasil, cujo intenso contato entre ambas cidades, se dá por uma ponte construída sob o rio Cuareim. Sua obra está organizada em prefácio, poemas e posfácio. O prefácio de Javier Etchmendi intitula-se *Un lugar en donde el agua no toca la tierra*, logo, há a apresentação de 58 poemas em portunhol, identificados em sequência por números cardinais escritos por extenso. Por último, tem-se o posfácio com o nome de *Transliteraciones fronterizas*, por Luis Ernesto Behares. Rapidamente o livro esgotou e foi necessária uma segunda edição, no entanto, a nova editora exigiu algumas alterações, bem como, o título do livro e a inclusão de traduções dos poemas.

Dentre os textos poéticos da obra encontram-se muitas referências à cidade natal de Severo, Artigas, e também sobre a vida e o falar dos que ali vivem. Seus textos expõem um tom muito similar à linguagem oral dos fronteiriços e à capacidade poética de condensar imagens narrativas do passado em versos; que, inclusive, variam bastante de tamanho. Desse modo, a sequência numérica crescente presente nos títulos dos poemas, acompanha, de certa forma, uma tomada maior de consciência e elaboração dos temas por parte do sujeito poético, visto que a sensação transmitida ao leitor é a de um enunciador infantil. Essa é a impressão que nos provocam os primeiros poemas, no entanto, o que percebemos a continuação é um amadurecimento da poeticidade na descrição de memórias pessoais e coletivas que vão construindo, para o leitor, não só uma, mas várias imagens representativas dessa fronteira, em particular. Não é em vão que no primeiro poema *uno*, de um único verso, temos: “Vo iscrevé las lembransa pra no isquesé.” Por outro lado, o poema *Sincuentioito* termina a sua última estrofe com: “Nos semo a frontera/ mas que cualquier río/ mas que cualquier puente”.

A partir da leitura de alguns de seus textos poéticos, que se configuram como uma poesia inovadora, temos o que seria esse um “idioma que todos intenden”<sup>2</sup>, como afirma o próprio Severo (2015). Poesia essa que apresenta uma língua que não se subordina a um sistema de regras gramaticais, tampouco se fecha em um sistema linguístico, apresentando-se como uma língua livre de instrumentos normalizadores como um dicionário, por exemplo. Na realidade, a língua, para o poeta, é completamente permeada por

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada (PPGLC) da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: [anamartins-96@hotmail.com](mailto:anamartins-96@hotmail.com).

<sup>2</sup> Discurso de Fabián Severo pronunciado na mesa de abertura do 16º Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol, em São Carlos, 29 de julho de 2015.

orientações sociais e políticas, fazendo-o escolher entre esta ou aquela forma linguística, esta ou aquela expressão, convidando-nos a um encontro com essa língua cotidiana da fronteira. Em um discurso em Cuba,<sup>3</sup> o poeta Fabián Severo (2012, s/p) esclarece a definição da sua poesia e a língua com a qual escreve:

[...] Un día, quise escribir poemas sobre ciertos recuerdos, pero no encontraba el sonido de mi calle. Los versos se partían como un trozo de tierra reseca, las palabras quedaban lejos de la lluvia que mojaba aquellos días. Entonces descubrí, que debería intentar recrear el sonido de la máquina de coser de mi madre o la sonrisa con que el Caio me invitaba a remontar cometa. Y allí surgió eso parecido al portuñol, palabras torcidas que traían el olor a humedad de la pared de mi cuarto.<sup>4</sup> (SEVERO, 2012, s/p).

De forma bastante significativa, o conceito “fronteira” aparece e reaparece em muitos versos dos seus poemas e se relaciona com outros enunciados, que vão determinando um novo sentido. Ao entender que a fronteira opera em si significados que vão além dos aspectos territoriais, constatamos o sujeito que, ademais de ter a possibilidade de transitar geograficamente, também o faz na sua língua, revelando assim uma identificação própria com este *entre-espaço* e um reconhecimento de pertencimento ao mesmo, como exemplo, temos o poema *sincuentioito* que termina a sua última estrofe com: “Nos semo a frontera/ mas que cualquier río/ mas que cualquier puente”.

A seguir, outro tema bem recorrente ao longo da obra é a questão da identidade do sujeito fronteiriço, bem exemplificado no poema *Tresi*: “Antes,/ eu quiería ser uruguaio/ agora/ quero ser aquí?”. Há, portanto, dois tempos e duas consciências que se opõem: o passado, constituído pela aspiração a ser uruguaio e um/o presente, em que esse desejo culminou. Agora, o que percebemos é uma vontade nova de “ser aquí”, que pode fazer referência a qualquer lugar ou uma espécie de lugar nenhum. Sem sombra de dúvidas, essa construção identitária em muito se relaciona com as memórias que esse sujeito carrega consigo, pois no poema *uno* temos: “Vo iscrevé las lembransa pra no isquesé.” Logo, a memória é outro elemento que perpassa todos os demais poemas da obra.

Nesse sentido, quando analisamos que em muitos casos a língua foi um instrumento utilizado pelos estados nacionais, para constituir identidades que fossem delimitadas através do marco de fronteira, logo, partilha-se a ideia de que existe vínculo identitário

<sup>3</sup> Inauguração do *Encuentro de Jóvenes Escritores de América Latina y el Caribe* na Feira Internacional do Livro, em 14 de fevereiro de 2012.

<sup>4</sup> Tradução livre nossa do original: “Um dia, eu quis escrever poemas sobre certas memórias, mas não consegui encontrar o som da minha rua. Os versos se partiam como terra seca, as palavras estavam longe da chuva que caía naqueles dias. Então descobri que eu deveria tentar recriar o som da máquina de costura da minha mãe ou o sorriso com o qual Caio me convidava para brincar de pipa. E lá saiu, semelhante ao portunhol, palavras tortas que trouxeram o cheiro da umidade da parede do meu quarto”.

a uma determinada nação enquanto característica intrínseca ao indivíduo. Entretanto, identidades nacionais são representações e não características inatas ao indivíduo.

A fronteira, muito mais que apresentar características limítrofes de um território físico, proporciona também, em si, um valor simbólico e afetivo que dá a conhecer a forma como os sujeitos transfronteiriços constroem as suas identidades. A questão é que “ser uruguaio” não revela somente um traço histórico e pontual referindo-se a um lugar de nascimento, de nacionalidade; pelo contrário, traz consigo memórias, significados e representações perpassadas por uma identidade que agora quer ser outra, em outro lugar. E a fronteira permite isso, permite a liberdade translinguística que desagua no ser e estar de um sujeito.

Os poemas de Fabián manifestam a ideia de que, a partir dessas escrituras, podemos construir situações de resistência que, por diferentes motivos e por diferentes vias, servem de reivindicação e reconhecimento das falas excluídas que emergem desse lugar de periferia, como a fronteira. Por essa razão, faz-se necessário entender que escrever não implica apenas técnica ou desenvolvimento de uma habilidade, mas sim um modo de inscrição do sujeito em uma dada ordem social.

Diante disso, pensar que escrever em uma língua possibilita ao sujeito a entrada em uma determinada configuração social pelo simbólico é relevante na medida em que estamos tratando de uma língua não gramaticalizada,<sup>5</sup> como o portunhol, cuja escrita gráfica apoia-se em sistemas de outras línguas. Nesse sentido, o próprio ato de escrever essa língua tem como efeito a instituição de um lugar para ela no domínio das letras. Dito de outro modo, é pela escrita e na escrita que se confere outro lugar para o portunhol, uma vez que a escrita é política.

Logo, os poemas em portunhol de Severo (2010), uma vez materializados, podem funcionar como um modo de (re)territorializar a fronteira ao redizê-la pela língua escrita, significando a relação do sujeito fronteiriço com o espaço habitado e apropriado por ele, dada a condição geopolítica e sócio-histórica particular da fronteira. Desse modo, a língua está atravessada por relações de poder que acabam por inserir-se na ordem do político, sendo essas fundamentais para situar o lugar do portunhol na hierarquia das línguas em circulação na fronteira, onde estão também línguas nacionais como o português e o espanhol. Portanto, ao tomar o portunhol como língua literária, Severo (2010) consome tanto o português quanto o espanhol no momento em que há uma produção literária, que ora tem a sua manifestação linguística considerada erro, ora variante marginalizada (já que como dialeto, não alcança politicamente um *status* de língua).<sup>6</sup>

Não há como desassociar essa realidade dos efeitos, que persistem até os dias atuais, da colonialidade que lhes foi imposta; como exemplo, temos o processo da des-

<sup>5</sup> Uso este termo no sentido de que o portunhol não está ‘fixado’ em instrumentos de normatização da língua (gramáticas e/ou dicionários).

<sup>6</sup> Há no Uruguai diferentes nomenclaturas para o portunhol, dentre as quais destacamos a de “Dialectos Portugueses del Uruguay - DPU”.

truição das línguas originárias e, paralelamente, o da imposição das línguas europeias no continente latino-americano. Logo, recusar o portunhol, essa língua viva, significa abandonar os recursos expressivos em um sistema aberto a partir dessas línguas oficiais em contato português e espanhol. Desse modo, nos cabe reafirmar que o portunhol nasce da interação com os falantes, ou seja, na alteridade; instalando um lugar crítico propício para a desconstrução de determinadas concepções no que se refere à criação literária.

Por essa razão, faz-se necessário entender que a escrita literária em portunhol de um sujeito que fala na/da fronteira, representada no livro em questão, configura-se totalmente como uma manifestação decolonial às instâncias hegemônicas que continuam operando atualmente. E, justamente, por isso, a importância de se romper com o ideal monolíngue a partir de um texto literário em portunhol; a partir do direito à literatura. Frente a isso, estão as palavras de Severo em uma entrevista concedida a Isis Milreu (2015, p. 265), que sintetizam muito bem o seu fazer poético: “No quisiera que mi poesía llamara la atención solo por la forma cómo fue escrita. La Literatura es una forma de comunicarnos.”<sup>7</sup>

## Referências

MILREU, Isis. Entrevista: Fabian Severo. *Revista Letras Raras*, [S.l.], v. 4, n. 3, p. 263-266, dez. 2015. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/475>. Acesso em: 27 ago. 2021. <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v4i3.475>.

